



Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário * 6 de Março de 1982 * Ano XXXIX — N.º 991 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

O GAIATO SETÚBAL

FAZ 38 ANOS

De tudo que na Obra da Rua nasceu — «pequenino, como é próprio das coisas destinadas a ser grandes» — e cresceu mercê de Deus, o maior é O GAIATO.

No princípio está Pai Américo: O seu génio literário poderia explicar o êxito do jornal. Mas depois?...! É preciso que Deus o queira, que permaneça incessantemente comprometido no gerar de cada número, para que o jornal seja, como de facto é, o «Famoso».

Ele faz hoje 38 anos. Para nós é uma jornada de Fé. Se no viver do dia-a-dia somos testemunhas constantes da Providência Divina, é na leitura

d'O GAIATO que mais intensamente sentimos o sopro do Espírito. Ele não nos dispensa das dores de parto, da terrível responsabilidade que é dá-lo à luz cada quinzena, no meio dos trabalhos absorventes e dispersos que a vida da grande Família comporta. É, a posteriori, pelos reflexos de conversão que cada número opera na alma dos leitores, que testamos, de coração contrito e humilhado, como Deus escreve direito nas linhas tortas que Lhe proporcionamos.

O GAIATO é, na verdade, a obra maior da Obra da Rua. Supõe-na — com certeza! Nela a sua razão de ser. Dela lhe

vem o sangue vivo que é a sua tinta. Por ela, mesmo o mais teórico dos seus escritos tem o carácter da Incarnação. Mas é ele que a projecta nos horizontes largos que Deus lhe circunscreveu ao dar a cada um dos seus actos a graça de evangelizar.

É assim a passagem do Senhor no meio de nós. Cada cura, cada gesto de libertação com que beneficia os homens, tem a sua dimensão autêntica guardada na Eternidade. Restitui a vista ao cego para que ele veja a Luz incriada que brilha sobre o mundo. Abre os ouvidos ao surdo para que os tenha aptos a ouvir a Palavra que salva. Limpa o leproso para que ele regresso do seu grito de «impuro, impuro» à sociedade dos santos. Faz andar o paralítico para que possa caminhar por si ao encontro do que o libertou. Expulsa o mau espírito para que o Seu Espírito

Cont. na 4.ª página

Assumir a condição de doente pobre, foi uma graça extraordinária recebida por este filho do pecado, das benditas e misericórdias mãos de Deus!...

Uma antiga deficiência, cada vez mais agravada, trouxe-me à enfermaria de um velho Hospital das cercanias de Lisboa, onde uma pequena intervenção cirúrgica tentou debelar e sustentar a progressiva doença, que pouco a pouco irá diminuindo as minhas correrias.

A competência e a amizade do Director — há muito conhecidas e experimentadas — atraíram-me a optar pela casa de onde te alinhavo, benévolo leitor, esta simples comunicação.

Estou numa sala com 28 camas e 27 doentes, de idades compreendidas entre os 14 e os 87 anos. As doenças, todas ósseas, são as mais variadas, desde simples fracturas às de diagnóstico reservado.

Embora correspondesse a um anseio nascido na juventude — e cada vez mais vivo — de em todas as circunstâncias me inserir no meio dos Pobres, de pedir e receber de Deus a força

e a alegria de o fazer de coração agradecido, não decorreu esta experiência sem dificuldades nem faltas.

O doente, imobilizado na cama, vê-se numa total dependência dos Outros e precisa deles para tudo. A situação de enfermo irmana-nos e reduz-nos, a todos, à mesma condição, quer perante os sãos que nos tratam, quer entre os padecentes que nos rodeiam. A maior parte não distingue os mais velhos dos mais novos, não tem atenção especial com os mais graves, não diferencia a condição social, a cultura ou mesmo a educação. Todos estamos sujeitos ao nível educacional de todos, baixo ou alto, aos vícios de alguns e às obscenidades de outros.

Ninguém como o doente para auxiliar outro doente, para se achar em sintonia com as suas dores, agravamentos, necessidades, incómodos ou melhoras. As ajudas de um sadio comprometem-nos ao agradecimento, as de outro doente são dádivas gratuitas geradoras de amizade.

Cont. na 4.ª página



Entre a ramagem das glicínias, prontas a florir, está o Victor, nosso «Bata-tinha», qual guardião do Templo onde Pai Américo alinhavou belas páginas de O GAIATO.

Presença de Pai Américo

Em dias de Festa, a presença de Pai Américo é salutar, imprescindível. Aqui está a dar alento, estímulo — com o calor da Eternidade — em uma nota que lhe safu da alma na década de 50:

«O GAIATO faz anos no mês corrente. Anda na Instrução Primária. Espera-se que, uma vez no Liceu, fique sempre pequenino; e o mesmo lhe aconteça na Universidade. A muita ciência incha. Os inchados não cabem. Ninguém os aceita. Morrem pelos cantos.

Faz anos O GAIATO. Não é jornal de feições. Não alimenta interesses. Não defen-

de uma região. O GAIATO não conhece ninguém. Nun-



ca se leu aqui um nome. Nunca um retrato. Jamais uma nota biográfica. Então quê? Não sei. Não dou fé. Digo o que ele não é; avante não sei o caminho. Não sei mesmo se as legiões de Leitores são capazes de o

definir, não sei. E, contudo, apreciam-no. Têm fome. Se o jornal tarda, aí vem o postal: — «Olhe que não recebi».

A campanha de assinaturas tem provado e continua a provar conseqüente. Os agentes dela não têm paz; mandam nomes e ficam empenhados: — «Continuo a trabalhar».

De sorte que a meta dos cinquenta mil não está longe e a distância a percorrer, muito facilitada: «Continuo a trabalhar».

P. Américo!

COLABORAÇÃO

N. da R. — Quando o dever nos obriga a analisar, mais profundamente, a correspondência dos Leitores — montes e montes dela à roda do ano! — a gente fica prostrado com tamanha Procição!

Um diálogo permanente, rico d'intenções. Almas abertas, chelas de Fogo! Até mesmo aquelas que se dizem em crise, despistadas, intranquilas pelas veredas do mundo, essas mesmo — como alguns Apóstolos naquele tempo — são prova de que Cristo é — e vai na Barca.

Que multidão de Crianças, Jovens, Pais, Mães, Professores, Estudantes, Homens e Mulheres de Portugal, plenos de Inquietação! E cada um, a seu modo, revelando, expressa ou implicitamente, o Mandamento Novo, transmitido n'O GAIATO com simplicidade, sem artificios, às vezes com erros gramaticais!

Não podemos, de facto, definir O GAIATO que sai das vossas e nossas mãos pecadoras! «Não sei mesmo se as legiões de Leitores são capazes de o definir» — acentua Pai Américo. «Contudo, apreciam-no. Têm fome. Se o jornal tarda, aí vem o postal: — «Olhe que não recebi».

Por via desta Fome é que O GAIATO é, ao longo de 38 anos de acção viva, actuante. E os próprios «agentes» da campanha de assinaturas — hoje como ontem — «não têm paz; mandam nomes e ficam empenhados: «Continuo a trabalhar»; em defesa dos Pobres e Oprimidos — pelo Santíssimo Nome de Jesus!

que me fizeram volte a ser lume.

Como ajudamos a auxiliar quem tem fome de pão e sede de justiça, auxiliá-los vós também a matar a nossa sede de Infinito. E assim viveremos todos em comunhão num aleluia de Esperança. Vós a alumiar o mundo; nós, pobres de espírito e de alma simples, a conservar a nossa pequenina chama.

Crescei e multiplicai-vos para chegardes a toda a parte e deitar a mão aonde for preciso. O mundo conta convosco; as Crianças querem ser flores da rua; os Pobres querem conforto; os Doentes, alento. No grande mar da vossa vida, eu quero ser também uma gota de água.»

«Saúde, paz e alegria em Cristo Jesus, vos desejo de todo o coração.

Não sei como começar esta

OBRA DA RUA

«Confrontada com a Palavra de Deus, quis seguir Jesus e vendi o que tinha para dar aos Pobres.

Sou uma irmã em Cristo, de uma comunidade neo-catecumenal e assinante do vosso jornal e bendigo a Deus pela Obra da Rua. Que o Senhor Jesus vos ajude e encoraje, para seguirem sempre em frente.

Junto um cheque, certa de que poderão empregá-lo em favor dos mais necessitados.»

«Peço me desculpem as mal escritas palavras, mas só tenho a 3.ª classe, como já lhes disse quando pedi para me aceitarem como assinante do vosso jornal que tanto gosto de ler. Entre tudo quanto traz, sempre bom, adorei aquela passagem do médico que foi gaiato e se tem dedicado aos nossos irmãos Ciganos. Bendito seja Deus! Que grande diferença fazem as pessoas cultas umas das outras! Como empregada doméstica que sou, conheço tanto mas tanto orgulho que prefiro não falar mais disto. Apetece-me gritar tantas vezes e bem alto: basta de desprezo pelos Pobres!

Enquanto puder e Deus me ajudar, mandarei esta pequena importância no Natal e na Páscoa. Quero que fiquem a saber

que nunca me esqueço das minhas obrigações. Mandarei duas vezes no ano esta migalhinha, em vale do correio, como já tenho feito. Peço a Deus que essa Obra da Rua tenha sempre continuadores.»

«Tenho imensa admiração pela Obra da Rua, que considero de todos. Deus vos ajude. Realmente, como se lê em O GAIATO, só o Senhor é. E onde Ele for, o Seu Espírito até das rochas faz nascer o Pão! Bendita Fé, bendito Amor, bendita a confiança no Senhor.

Obrigada por tanto Bem. Uma Amiga agradecida.»

«A necessidade de acorrerem a todos os lados por onde se reparte o benefício da vossa presença material, recorda-nos que os devemos aliviar de gastos de que deveriam estar isentos...»

Fala-se hoje tanto em amor, solidariedade, Direitos do Homem, mas aqueles que só vivem para o amor do Próximo são muito esquecidos dos poderes da terra. Mas o Poder de Deus os erguerá para que não tropecem na luminosa caminhada.»

«Segue um vale com um grande desejo de mandar muito mais, mas o Senhor sabe que não basta só a minha boa vontade...»

É para a minha assinatura de O GAIATO, onde tantas vezes encontro alento, força e coragem para continuar nesta peregrinação e tirar das suas lições ensinamentos que tanto me têm ajudado a desejar ser perfeita. Foi muito, através dele, que eu aprendi a amar os Irmãos, sentindo minhas as suas alegrias e tristezas. Por isso, é o único jornal que entra na minha casa.

O resto, muito pouco, é certo, será para o que entenderem. Penso no Calvário; penso também nas telhas que são necessárias para cobrir uma casa... Mas consola-me a certeza de que muitas migalhas fazem um pãozinho que mata a fome a quem a tem.»

«Ao ler O GAIATO desta quinzena vi que pertence àque-



O «Famoso»

«O tempo é tão pouco, que não nos apercebemos de que os anos passam tão velozmente!

Gostaria de ter mais oportunidade para poder contactar convosco. Assim, limitar-me-ei a endereçar-lhes estas linhas anualmente, para enviar o pagamento da minha assinatura do jornal.

Aproveito para lhes testemunhar a minha gratidão pela leitura que O GAIATO me proporciona. É o único jornal que consigo ler e que me transmite alguma Paz, neste mundo tão cheio de violência.»

«Pertencço à paróquia do Senhor Jesus do Padrão da Légua.

Embora já conhecendo o jornal e o obtivesse de longe a longe — porque sou motorista dos Serviços de Transportes Colectivos do Porto — a leitura de O GAIATO sempre me tocou no fundo do coração. É uma pausa na vida agitada que hoje a sociedade vive. Por isso, Deus vos ajude a vencer os obstáculos com que lutam diariamente; e não desanimem todos quantos trabalham na Obra da Rua — só com a intenção de aliviar o sofrimento de Jesus Crucificado nesses Inocentes que não têm culpa de vir a este mundo.

Peço desculpa de nunca ter contribuído com nada, talvez por um pouco de descuido; mas, também, porque sou um operário que ganha o pão de cada dia, honradamente. Toda-

via, os Pobres têm que se ajudar uns aos outros...»

«Como sempre, nestes dias festivos, cá estou com a minha humilde presença, já que me orgulho de pertencer à grande Família dos Amigos da Casa do Gaiato.

Venho enviar o meu pequeno donativo, mas já o devo há muito, pois recebi de vós muito mais. O GAIATO é o fio que nos liga a todos, a esta grande Família; que nos mantém em comunicação; que nos dá a doutrina, o exemplo, (a vergonha de não ser nada, a alma que atingem o desespero, como a minha); que nos indica o norte; que nos dá a inquietação; que nos não deixa mais descansar num conformismo egoísta. Ele é, também, a palavra de alento e de conforto para quem está quase a perder a esperança. É um fio que nos ajuda a não quebrar o fio da Vida.

Nesta Páscoa que se aproxima, que a Paz desça sobre nós; e o amor continue a ser o vosso lema para manter vivo o Fogo que vos incendeia e se propaga a nós. Só desse Fogo pode nascer a alegria e só a alegria mantém viva a Vida. E a vida só é Vida quando tem os olhos postos em Cristo ressuscitado para que acreditemos com toda a Fé na nossa própria ressurreição. Pedi a Deus que me dê Fé, para que a alegria volte à minha alma esfrangalhada e a cinza

carta, pois considero o meu proceder tão indigno que só me limito a pedir perdão.

Assinei o nosso querido jornal, que amo — assim como a Obra — e descuidei-me de pagar. Digo pagar, mas não está bem... Nada paga tão sublimes lições que O GAIATO nos traz, de amor, fé — puro Evangelho.

Confesso-me grande pecadora e junto um vale de 500\$, pequena migalha.»

«Recebi, na UNICER, 40 jornais para distribuição pelo nosso Pessoal.

Encarregou-se desse serviço a nossa Contínua, dedicada amiga da Casa do Gaiato, que já visitou, por diversas vezes.

Decerto, porque todos os nossos Trabalhadores estão ainda emocionados com o trágico desastre que vitimou o vosso pequenino «Tó», a distribuição daqueles 40 jornais rendeu 1.515\$; e mais renderia se tivessem vindo mais jornais. Por isso, aquela nossa funcionária pede que na próxima edição de O GAIATO nos remetam 100 exemplares, para que a distribuição seja mais alargada.»

«Atrasada em liquidar a minha, não digo assinatura, porque o termo briga com o que O GAIATO nos dá como jornal. Não é um jornal que se lê. São páginas do Evangelho que se lêem e sentem-se na carne.

Que Deus vos ajude, assim,

DOS LEITORES

Pais e Filhos

«Se eu não atravessasse este escuro túnel de uma das mais duras crises de fé da minha vida... dir-vos-ia que vós sois a prova transparente de que Jesus de Nazaré era (ou foi... ou é?... também o Cristo! Mas eu estou no meio do túnel: nem da frente nem de trás me chega Luz! Então porquê estas linhas? Sei lá! Talvez porque faz agora um ano que um grande Amigo meu — que foi meu sogro — partiu e desespero-me ao pensar que ali jaz debaixo da terra e que nada é senão mais uma «ache-ga» a refazer um qualquer «ciclo do azoto». Talvez porque os meus 43 anos ainda conseguem olhar sobre a minha infância, pobre de pão, mas cheia de certezas! Talvez porque vós sois, simultaneamente, um grito de protesto contra o meu comodismo, contra o meu orgulho, contra os meus supérfluos, contra as minhas falsas necessidades, contra a minha abundância, contra a minha cristalização interior... E, pois, também, um sorriso para o que ainda possa haver de capacidade de reacção contra este «estar instalada», «apesar de inquieta», em mim!

Talvez porque tenho um filho e uma filha da idade de muitos de vós — e eu queria se apaixonassem pela vossa Causa, aqui, no meio desta en-

le número de assinantes que se vão esquecendo do pagamento da assinatura; mas, depois, quando posso e me lembro, recupero...

Continuarei sempre a ler o nosso jornal, porque nele vejo o Espírito de Cristo e é nesse Espírito que vivo dentro da Igreja. Continuai a doutrina, que é dela que este mundo precisa.»

«Venho, mais uma vez, agradecer o vosso jornal que tanto bem me faz. Dos muitos jornais que entram em minha casa é o único que leio de ponta a ponta. É o único que me sacode, me traz Paz e Esperança!

Por todo o Bem que espalhais em quantos o lêem, eu creio que as bênçãos do Senhor cairão em catadupa sobre vós, isto sem falar no mais importante — que são todos os que tendes convosco como filhos.

Bem hajam por tudo isso!»

grenagem diabólica que é a sociedade de consumo em que vivemos!

Sobretudo..., estas linhas são porque espero de vós «aquela sacudidela» que me faça sair deste umbiguismo mole e perigoso em que caí!»

«Quando uma senhora de Vila Nova de Foz Coa me disse que, para ela, O GAIATO é um bom jornal e me ia mandar uma assinatura, eu aceitei — mas sem qualquer entusiasmo. Era mais um jornal para não ler e fazer monte com os que, cá em casa, se recebem! Antes de ler o primeiro assim aconteceu durante algum tempo. Mas, agora, é com ansiedade que o espero!

Como o Senhor se serve dele para acordar o meu egoísmo! Quantas lições e quantos ensinamentos aquelas poucas e pequenas páginas encerram! Não deixem de me mandar!

Aproveito também para lhes pedir o favor de me mandarem o livro «Doutrina» que não conheço e deve, realmente, ser uma verdadeira doutrina. Parece que há mais do que um volume. Neste caso, desejava tê-los todos.

Sempre que me seja possível enviarei «uma fatia de pão» para partilhar convosco.

Queria ir aí, pessoalmente, ver a Casa do Gaiato e mostrá-la aos meus filhos que são ainda pequenos — 9 e 5 anos. Ao mais novo venho, desde há tempos, estimulando o desejo de ser Padre; e quem sabe se o Senhor o chamará um dia e virá a ser mais um colaborador da Obra da Rua?!»

«Somos um casal modesto e

vivemos uma vida simples e apagada.

Fazemos 25 anos de casados.

Depois de reflectirmos como deveremos celebrar esse dia, se Deus quiser que nós lá cheguemos, achámos que a melhor maneira seria mandar o cheque que segue, com o valor da pequena quantia que possivelmente gastaríamos. Temos a certeza de que irá ser muito mais útil e melhor aplicada, dando-lhes o destino que entenderem, do que nós o fariamos.

Pedimos, no entanto, o favor de celebrarem uma Missa por nós, nesse dia, se isso for possível.

Nós iremos participar aqui na santa Missa, comungaremos e pediremos a Deus que nos ajude a amá-lo melhor e a servi-lo mais.

Para vós pediremos muita saúde e que a vossa Obra maravilhosa cresça, cada vez mais, mostrando com acções e não palavras ocas, como o Amor poderia, se quiséssemos, transformar o mundo e sermos todos Irmãos e iguais na realidade.

Um muito obrigado por todo o Bem que nos fazeis.»

«Dificilmente terei palavras para explicar o que significa para mim receber O GAIATO de quinze em quinze dias. É a alegria do primeiro momento e, muitas vezes, a tristeza ao saber de tantas desgraças. Tendo dois filhos bem mimados, aflijo-me pelos vossos e, sobretudo, pelos que andam sem eira nem beira... Não choro. Antes me revoltado com tal sociedade e clamo a Deus para que cheguem, breve, os tempos em que todo o Mal será banido da Terra. Assim seja.»

«Junto envio um cheque para O GAIATO que há muito

tempo não pago — e de que muito me penitencio — agradecendo a generosidade de nunca terem deixado de me enviar. São sempre momentos de elevação espiritual aqueles que passo a ler o «Famoso». Sei que este quantitativo não chega para pagar a minha dívida...

Também gostaria de receber as vossas publicações, especialmente os livros «Doutrina».

Peço uma oração pelos meus

Voz dos Jovens

«Como Deus, por intermédio do bom Padre Américo, me concedeu a graça de ter dispensado no 9.º ano, pelo que fiquei muito contente, achei não dever deixar de agradecer esta graça e, de algum modo, modesto, contribuir para as vossas Obras que tanto admiro, sobretudo o Calvário.

Junto 100\$ das minhas «poupanças», mais 200\$ de meus pais a quem pedi para contribuam, também.

Que Deus continue a dar coragem e alento para prosseguirem a bela Obra iniciada pelo santo Padre Américo.»

«Vós sabeis que um estudante não ganha ordenado nem subsídio de férias nem 13.º mês, apenas uma mesada. Mas se fizermos a conta à bica que se bebe, ao tabaco que se fuma, ao cinema que se vê, ao passeio que se dá, etc., no fim do mês obtém-se um deficit razoável. Por isso, muitos recorrem às explicações; são mais umas «croas» que entram.

Mas, se eu posso satisfazer algumas «necessidades desnecessárias» (a bica, o tabaco, etc.), tenho por obrigação pensar naqueles que têm dificul-

dades em satisfazer necessidades elementares. Mas, se eu sou cristão, terei de contrabalançar a vida de estudo (vida esta que deve ser bastante exigente, pois também aos estudantes se aplica o «Sede perfeitos...») com a vida de Oração, de Sacramentos, de Amor, de Apostolado. E é bem difícil: em média o estudo ocupa 48 h por dia (olhem que isto não é um erro de contas) e não dá tempo para mais nada!

Como estou consciente que «nem só de pão vive o homem», retiro ao estudo tempo para poder garantir um mínimo de cobertura cristã ao meu dia-a-dia e poder participar em actividades paroquiais e diocesanas; e incluo no meu «orçamento» mensal uma verba para poder ter como alimento «toda a Palavra de Deus». Assim, peço para me considerarem assinante de O GAIATO.»

Professores e Estudantes

«Falo muito de vós aos meus alunos da Escola Primária e eles vivem os vossos problemas, riem e choram, por vezes, com bocadinhos dos livros de Pai Américo e de O GAIATO de que sou assinante, há muitos anos.

Vai este cheque com as suas migalhinhas, tiradas aos rebugados que deixaram de comer, depois da última Páscoa. São, na verdade, migalhinhas cheias de amor.»

«Continuamos a gostar imenso de ler O GAIATO e contactar uma realidade — a dos Pobres — que queremos ter bem presente neste ambiente bem diferente em que vivemos, enriquecendo-nos no nosso próprio trabalho profissional (professores).»

As nossas Edições

«Mais um livro, o 3.º volume do «Doutrina», me chegou.

É sempre consolador receber os livros de Pai Américo!

Junto envio uma pequena importância; de momento não posso dispor de mais, apenas para ajuda do papel em que foi impresso.

Votos de que a Obra continue a progredir e a salvar da ruína tantas vidas que, sem a vossa ajuda, seriam os Marginais de amanhã e, assim, serão os Homens sólidos de que a sociedade tanto precisa.»

«Seguiu hoje um vale pos-

tal para os livros de Pai Américo que fizeram o favor de me enviar, pelo que lhes estou muito grata.

Lê-se com interesse qualquer artigo e ficamos pensando no grande Homem e Santo que foi o humilde Padre Américo, que queria ser o último em tudo e fundou uma Obra maravilhosa de Amor a Deus, e ao Próximo.»

«São sempre fonte de grande valor espiritual; e exemplo de vida cristã, os livros do nosso Pai Américo. Por isso,

fico muito grata pelo envio do exemplar que agora recebi. O outro irá para casa dum das minhas filhas que se tinha afastado da prática da nossa Religião, ela e o marido, mas que, com a ajuda do Senhor, voltaram à vivência da sua fé como tinham sido educados, tanto ela como o marido. Deus inspirou uma das minhas filhinhas, de 9 anos, que é um anjo, para fazer voltar àquela família, pais e quatro filhos, o amor a Deus e ao Próximo, dando eles exemplo de apostolado e vida cristã. Por isso, muitas graças temos que dar ao Senhor.»

AQUI LISBOA!

A mensagem do Santo Padre para a Quaresma, ora começada, é encabeçada pela interrogativa do Evangelho de S. Lucas (X, 29) «Quem é o meu Próximo?», retirada da parábola do Bom Samaritano. Vivendo-se uma época que, para lá de todos os progressos da técnica e da ciência, se caracteriza por um egoísmo feroz, um aguçado clima de ódio, as paixões mais desenfreadas e as injustiças mais calamitosas, importa que saibamos aproveitar a ocasião que nos é oferecida para revermos as nossas condutas e à luz da doutrina do primeiro Bom Samaritano, Cristo, que incarnou e Se deu por todos nós, caminhemos no sentido duma verdadeira Libertação, convertendo o nosso coração insensível ou empedernido.

Fixemo-nos na terra portuguesa, sem que nos queiramos alhear do que se passa pelo mundo inteiro, que também a todos diz respeito. O egocentrismo é uma constante do dia-a-dia. Cada um pensa apenas em si, esquecendo os Outros, e só procura trepar, mesmo que espezinhando os seus Irmãos. O coração está posto nas coisas; ter, possuir e gozar são preocupações exclusivas, comuns, não faltando o

«Que os meus sucessores jamais descurem os Pobres; eles são a causa da nossa riqueza. Da riqueza da Obra da Rua.»
(Pai Américo)

despeito ou a inveja. Um clima de ódio refinado divide a sociedade, os grupos, as famílias e os indivíduos. O respeito, o diálogo e a compreensão estão ausentes em grande número de situações. A política corrente, em vez de ser factor unitivo e de congregar os homens em torno de ideais básicos e do bem-estar comum — esquecendo o acessório para se dedicar ao essencial — polariza-se e extrema-se nas palavras e nos actos, à laia de luta fratricida. As famílias desagregam-se e o sentido e o valor do Matrimónio são desvirtuados, levando a temer-se — se as coisas continuarem assim — um colapso total. Os abandonos reais ou tácitos são um espectáculo de todos os dias; as pessoas idosas ou doentes não contam ou são, na prática, como que inconvenientes ou empecilhos. O desemprego, a falta de habitação e a deterioração do teor de vida são reais. A discriminação das pessoas faz-se, não raro, à custa dos grupos ou partidos a que pertencem. Muitos vendem a alma ao diabo, como sói dizer-se, para obterem pri-

vilégios ou benesses e ninguém quer largar as situações obtidas à custa de oportunismos ou golpes, mesmo que a justiça esteja em causa. Dir-se-ia tratar-se dum espectáculo dantesco, infernal, onde não há lugar para o Próximo.

Só uma mudança radical no pensar e no agir, pode inverter a situação descrita. «O tempo litúrgico da Quaresma — diz o Papa — é-nos proporcionado, em Igreja e pela Igreja, para nos purificarmos dos resíduos de egoísmo, de apego excessivo a certos bens, materiais ou de outra espécie, que nos retêm à distância daqueles que têm direitos que nos dizem respeito: principalmente aqueles que, fisicamente próximos ou afastados de nós, não dispõem da possibilidade de viver com dignidade a sua vida de homens e de mulheres, criados por Deus à Sua imagem e semelhança.»

Habitados como estamos a viver os problemas e as dificuldades dos nossos Irmãos, procurando resolvê-los ou dar-lhes uma ajuda para a sua resolução, não podemos deixar de aproveitar este tempo forte da liturgia para revermos a nossa própria conduta, limando arestas e renovando compromissos. Por isso queremos interiorizar e viver na prática, convidando todos os Leitores a fazê-lo também, crentes ou não, as palavras de João Paulo II: «Tornai-vos próximos dos despojados e dos feridos, daqueles que o mundo ignora ou rejeita», tomando «parte em tudo aquilo que os cristãos e todos os demais homens de boa vontade proporcionarem a cada um dos seus Irmãos, os meios, incluindo os materiais, para poderem viver dignamen-

te e assumir, eles próprios, a tarefa da sua promoção humana e espiritual, bem como a da sua família». Saibamos ver em cada homem, sobretudo nos mais fracos ou desprotegidos, o nosso Próximo mais próximo. Eis um programa aliciente para a nossa Quaresma: fazer dos Pobres «a causa da nossa riqueza».

● Duas palavras, breves e simples, a propósito da resignação do Bispo da Obra e do nosso Bispo, Senhor D. António Ferreira Gomes, que nos

aceitou no Seminário do Porto e, ao longo dos anos, nos confortou com a sua amizade e a sua compreensão. Bem haja. Para o novo Prelado do Porto — por inerência também Bispo da Obra e nosso Bispo por incardinação — vão os melhores votos de feliz pastoreio e a certeza da maior lealdade e de grande dedicação. É que, como Pai Américo, não esqueceremos que somos da Igreja, do Papa e do nosso Bispo.

Padre Luiz

Notas da Quinzena

□ Há dias fomos, «Réguas» e eu, levar uma carrinha de roupa que alguém ofereceu para as Irmãs do Padre Foucauld distribuírem. Elas vivem numa aldeia, em casa pequena e pobre!

Um deserto na cidade — aos olhos do mundo!

Um oásis com flores e frutos — aos olhos do Senhor!

A capela é um quarto pequenino onde — numa caixa de madeira em cima dum tronco — está Ele.

Em mesa tosca celebrámos a Eucaristia. Disse às Irmãs que no meio de tamanha felicidade e alegria — junto do Senhor — lembrássemos aqueles que no meio de tantas coisas e amigos sentem angústia no coração.

As Irmãs levam uma vida em tudo igual à gente do povo. Uma trabalha numa fábrica; outra, no campo, ao lado doutras mulheres, a cavar vinhas — ganhando 250\$ por dia.

Maç quanta alegria!
Que amor aos Irmãos!
Estas Irmãs dos Trabalhadores!

Víamos de lá consolados e leves como passarinhos das montanhas.

□ Lembrei-me hoje da roupa e das Irmãs ao ler uma

carta que chegou no correio. Perguntava a senhora da carta se aceitávamos roupa usada. Na terra dela ninguém queria. Só nova e da que passa na televisão.

Respondi que sim, pensando nos grupos de refugiados e nos camponeses que em África andam esfomeados e quase nus.

Eis um pedacinho duma carta que um médico nos mandou no Natal: «É pecado deixar migalhas. Também pecado deixar ir o comer nos desperdícios, quando falta em tantos lares e esta falta ocasiona, diáriadamente, milhões de mortos. Que os cristãos não desperdicem — cometendo o crime de tirar da boca dos Famintos».

□ Um grupo de responsáveis duma freguesia, em mesa redonda, recusou uma colecta para um grupo de desalojados do bairro. Um deles jogou a cassete: «Ninguém deve precisar de pedir; todos, por justiça, devem ter o suficiente; estender a mão é uma indignidade».

Esqueceram: Quando falta a justiça? Quando os vícios comeram todos os direitos? Quando grupos humanos, em nome dos direitos do homem, foram despojados de bens e de sua própria dignidade? Quando nem amigos nem Estado?

Ou seja: Até nós veio uma mãe e, em gesto de súplica, pediu para recebermos o filho. O padrasto não o quer e ele anda sempre fora de casa. Uma lei que pusesse o padrasto na ordem? Seria um fosso maior, pois este precisava, antes, de amor no coração para dar ao pequeno.

«Pobres teréis sempre conosco.»

Vamos receber o Jacinto.

Que os cristãos não tenham medo. Ajudemos sempre — sem vaidade, sem barulhos, nunca ferindo os Irmãos e como quem cumpre sua obrigação.

Padre Carlos

Padre Telmo

SETÚBAL

Cont. da 1.ª página

O materialismo pagão domina os padecentes. Nem dores mais agudas, no mar do sofrimento, fazem emergir algo de espiritual. Todos os desabaços exprimem matéria e sensualidade. Ele há gente que só se entretém ou ri no lodaçal do sensualismo.

Não pretendo que a minha comunhão vital com estes Irmãos frutifique rapidamente. Não. O mundo e a rotina têm muita força. O hábito, cada vez mais em voga, de não resistir à torrente do mal, oferece-lhe foros de cidadania. A personalidade, a liberdade e a vida interior são valores escondidos.

Tenho a certeza de que Deus marcará a Sua presença inesquecível pela passagem deste seu servo.

Jesus assumiu a condição de homem. Sujeitou-Se às situações mais precárias e conviveu especialmente com os Pobres e pecadores. Fez destes e daqueles a opção fundamental da Sua vida.

Creio que ser Pobre e amar a Pobreza é fazer assim.

A meu lado, outros, sem fé e sem cultura, aguentam, há muito mais tempo, meses e meses de internamento com operações sucessivas. Outros ainda, sem Esperança, sentem agravar-se-lhes a doença, dia a dia, sem que o Senhor lhes aqueça o coração. No meio desta gente vejo-me infinitamente rico.

Diante de mim, do lado opo-

to da enfermaria, está o ti Manuel, um alentejano, quase octogenário, com fractura do femur, há quatro meses. É um homem rude, analfabeto, de olhar vago, sombrio e triste.

No meio de uma longa e interminável noite — em que o sono me fugira e eu ouvia o ressonar de uns e os lamentos de outros — a enfermeira de serviço aproximou-se da cama do ti Manuel e, depois de lhe alcançar as pernas com almofadas, de lhe ajeitar o lençol e as mantas, deu-lhe um beijo com uma manifestação de ternura indizível: — «Até amanhã, avozinho; durma bem».

Foi a visita do Senhor à nossa enfermaria.

O gesto daquela mulher, várias vezes repetido ao longo deste infundável tempo hospitalar, refresca-me a alma com um consolo de saborosíssima doçura.

Conversando com algumas enfermeiras confidenciei-lhes a reflexão que esta doença me trouxe, mais o enriquecimento que mantenho vivo: Seria muito proveitoso para todo o Pessoal de Saúde passar um mês na cama, imobilizado, em circunstâncias semelhantes, como estágio para o serviço.

Seria mais fácil vencer a rotina e ascender, quotidianamente à dignidade deste trabalho.

Padre Acílio

O GAIATO faz 38 anos

Cont. da 1.ª página

rito Santo habite no coração dos homens e os modele à imagem do Seu Coração: manso e humilde e infinito de piedade e perdão.

Quem dá esta ténpera à Obra? Quem confere este sabor a O GAIATO? Estulto o homem que pensasse ser ele! Iludido todo o que não confessar que só no Nome Santíssimo de Jesus é dada ao homem a Salvação — esse Nome que Pai Américo escolheu para fundamento de tudo quanto fez e disse.

Exactamente: fazer e dizer! — a recta ordenação, lógica e cronológica, de tudo quanto se realiza no Tempo de olhos postos na Eternidade.

O GAIATO faz anos. E ainda neste 1982 ultrapassará outra meta do seu percurso: o

número mil. Não sei o que se pensa na redacção do jornal, mas julgo que, se agora a festa aniversária é, como tem sido, feita sobretudo pelos Leitores, teremos de pensar numa edição comemorativa daquele número.

Aqui fica a proposta e parabéns a O GAIATO.



Director: Padre Telmo

Chefe de Redacção: Júlio Mendes

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — 4560 PAÇO DE SOUSA — Telef. 952285

Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Tiragem média por edição no mês de Fevereiro: 52.500 exemplares.